

# Millôr Fernandes – Poesia Matemática

Às folhas tantas  
Do livro matemático  
Um Quociente apaixonou-se  
Um dia  
Doidamente  
Por uma Incógnita.  
Olhou-a com seu olhar inumerável  
E viu-a, do Ápice à Base.  
Uma Figura Ímpar;  
Olhos romboides, boca trapezoide,  
Corpo octogonal, seios esferoides.  
Fez da sua  
Uma vida  
Paralela à dela  
Até que se encontraram  
No Infinito.  
“Quem és tu?” indagou ele  
Com ânsia radical.  
“Eu sou a soma do quadrado dos catetos.  
Mas pode me chamar de Hipotenusa.”  
E de falarem descobriram que eram  
– O que, em aritmética, corresponde  
A almas irmãs –  
Primos-entre-si.  
E assim se amaram  
Ao quadrado da velocidade da luz  
Numa sexta potenciação  
Traçando  
Ao sabor do momento  
E da paixão  
Retas, curvas, círculos e linhas senoidais  
nos jardins da Quarta Dimensão.

Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas euclidianas  
E os exegetas do Universo Finito.  
Romperam convenções newtonianas e pitagóricas.  
E, enfim, resolveram se casar  
Constituir um lar  
Mais que um lar,  
Uma Perpendicular.  
Convidaram para padrinhos  
O Poliedro e a Bissetriz.  
E fizeram planos, equações e diagramas para o futuro  
Sonhando com uma felicidade  
Integral  
E diferencial.  
E se casaram e tiveram uma secante e três cones  
Muito engraçadinhos.  
E foram felizes  
Até aquele dia  
Em que tudo, afinal.  
Vira monotonia.  
Foi então que surgiu  
O Máximo Divisor Comum  
Frequentador de Círculos Concêntricos  
Viciosos.  
Ofereceu-lhe, a ela,  
Uma Grandeza Absoluta,  
E reduziu-a a um Denominador Comum.  
Ele, Quociente, percebeu  
Que com ela não formava mais Um Todo,  
Uma Unidade. Era o Triângulo,  
Tanto chamado amoroso.  
Desse problema ela era a fração  
Mais ordinária.  
Mas foi então que Einstein descobriu a Relatividade  
E tudo que era espúrio passou a ser  
Moralidade  
Como, aliás, em qualquer  
Sociedade.

**Millôr Fernandes, Essa cara não é estranha e outros poemas**